

GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS



ARQUIVO PESSOAL / CP

MARIANA MARTINS DE OLIVEIRA

Engenheira ambiental e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios da UFSM

Ao restringir o uso dos recursos naturais, o produtor beneficia o meio ambiente e a sociedade, sendo justo que seja recompensado financeiramente por isso

Recentemente ocorreu em Brasília o 8º Fórum Mundial da Água, no qual se debateu, mais uma vez, a crescente preocupação com a situação atual dos nossos recursos hídricos e com a preservação das matas nativas no seu entorno, conhecidas como Áreas de Preservação Permanente (APP). Essa preocupação vem de encontro com o novo Código Florestal, criado a partir da lei nº 12.651, em 25 de maio de 2012, o qual estabelece percentuais mínimos exigidos para recuperação nessas áreas.

Críticas ao novo Código Florestal surgiram antes de ser instituído e, mesmo após quase seis anos da sua implementação, ambientalistas continuam afirmando que foi um retrocesso legal em relação à proteção ambiental, tendo em vista que estabeleceu regras “menos restritivas” em relação às Áreas de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal (RL), em especial para pequenos produtores, aqueles que possuem áreas inferiores a quatro módulos fiscais.

Essa “flexibilização” nas regras das APPs pode acarretar em assoreamento, erosão e poluição hídrica e por isso a importância de proteger essas áreas é indiscutível. Entretanto, me questiono a quem cabe essa responsabilidade? Somente ao proprietário da terra, como vem sendo cobrado?!

A Política Nacional de Recursos Hídricos (lei nº 9.433/1997), em seu artigo 1º, inciso VI, define que “a gestão de recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades”, ou seja, a responsabilidade deve ser compartilhada.

Diante disso, acredito que os Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA), apresen-

tam-se como uma estratégia eficiente na gestão de recursos hídricos e uma alternativa de minimização de conflitos. Define-se PSA como um programa que oferece aos usuários da terra um incentivo para proteger ou melhorar o fornecimento de serviços ecológicos ou ambientais.

Em outras palavras, o produtor rural ao conservar, ou seja, ao restringir o uso dos recursos naturais e consequentemente da terra, beneficia o meio ambiente e a sociedade, sendo justo que seja recompensado financeiramente por isso.

Já existem Programas de PSA consolidados no Brasil. O caso pioneiro do município de Extrema (MG) serviu de incentivo para que outros programas fossem criados, planejados e executados, porém ainda são casos pontuais e com uma abrangência pequena de beneficiados.

Vale ressaltar que dentre as limitações da expansão desses programas estava a ausência de Legislação Federal que criasse formas de controle e financiamento referentes aos serviços ambientais prestados. Entretanto, em 2013, com a aprovação do projeto de lei nº 276, a Política Nacional de Pagamentos por Serviços Ambientais foi instituída no país.

Enfim, políticas públicas são necessárias, assim como firmar parcerias entre órgãos públicos, privados e entidades locais são fundamentais para que, a partir de um engajamento coletivo seja possível disseminar a ideia de sustentabilidade. Contudo, antes de generalizar e julgar qualquer tipo de ação, é necessário compreender o contexto, analisar as responsabilidades de cada ator e buscar soluções justas e viáveis.

DEMANDAS DO SETOR ARROZEIRO

Audiência pública debate situação da orizicultura no Rio Grande do Sul, com levantamento dos problemas e apresentação de propostas para garantia de emprego e renda no campo aos postulantes ao governo estadual e ao Legislativo. Entre os temas para a discussão estão a reestruturação do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), os pedidos para redução do ICMS sobre o arroz em casca e a necessidade de investimentos em infraestrutura para exportação de arroz no porto de Rio Grande.

Data: 8 de agosto.

Local: Auditório Dante Barone da Assembleia Legislativa, em Porto Alegre.

44º DIA ESTADUAL DO PORCO

Evento itinerante promovido pela Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (Acsurs) em parceria com o município anfitrião ocorre, neste ano, em Rodeio Bonito. O encontro reúne suinocultores independentes e integrados, representantes de cooperativas e agroindústrias, técnicos, veterinários, autoridades ligadas ao setor, estudantes e outros profissionais para palestras sobre a suinocultura, avanços tecnológicos e perspectivas mercadológicas. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas no local. Os organizadores pedem, no entanto, que os interessados informem previamente a disposição de participar, pelo telefone (51) 3712-1014 ou e-mail eventos@acsurs.com.br.

Data: 10 de agosto.

Local: Ginásio Municipal Antônio Trento, em Rodeio Bonito.

COTAÇÕES & MERCADO

GUAÍBA CORREIO RURAL

Aos sábados, das 08h30 às 09h30.

RÁDIO GUAÍBA
101.3FM 720AM

PREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	39,00	41,15	46,00
Feijão	saco 60 kg	115,00	133,53	180,00
Milho	saco 60 kg	32,00	34,56	39,00
Soja	saco 60 kg	72,00	75,84	80,00
Sorgo	saco 60 kg	25,89	26,36	27,20
Trigo	saco 60 kg	39,00	41,10	43,00
Boi gordo	kg vivo *	4,50	4,94	5,20
Vaca gorda	kg vivo *	4,00	4,22	4,65
Suíno	kg vivo	2,80	3,06	3,60
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	5,30	6,26	7,50
Leite	litro	0,92	1,23	1,45

Semana de 30/07/2018 a 03/08/2018 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	12.327,8	11.759,7
Feijão	3.399,5	3.308,0
Milho	97.842,8	82.927,9
Soja	114.075,3	118.885,8
Trigo	4.263,5	4.901,6

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.980,9	1.961,8
Feijão	3.180,3	3.189,5
Milho	17.591,7	16.696,0
Soja	33.909,4	35.151,4
Trigo	1.916,0	2.009,6

RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	8.728,6	8.203,8
Feijão	95,4	107,6
Milho	6.036,8	4.827,8
Soja	18.713,9	17.150,3
Trigo	1.276,7	1.307,2

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.100,7	1.077,6
Feijão	61,1	58,8
Milho	804,9	728,4
Soja	5.569,6	5.692,1
Trigo	699,2	695,7

Dados do 10º Levantamento de Safra 2017/2018 da Conab

Uma tarde seu Turíbio chegou faceiro no bolicho, fazendo chiste, brincando com um e outro, como um guri que vendeu todas as rapaduras nas carreiras. Curioso, decidi perguntar qual o motivo de tanta alegria. “Não é nada, só ouvi há pouco na Guaíba que inventaram uma bicicleta que anda a 200 quilômetros por hora.” Achei aquilo estranho, mas fiquei matutando que, se fosse verdade, era uma revolução em termos de transporte, afinal nem carros conseguem desenvolver tal velocidade. Mais tarde, descobri que o velhinho mentiroso se referia à famosa bicicleta Caló 10, lançada no mercado com grande alarde, mas que, claro, era veloz mas nem tanto. Porém, naquela tarde, fiquei a imaginar como seria a gente almoçar num domingo lá na Vila Rica, descansar um pouco, pegar a tal bicicleta e sair chispando rumo a Porto Alegre. Em umas duas horas faríamos o percurso e chegaríamos a tempo de, por exemplo, assistir a um Gr-Nal no Beira-Rio ou no Olímpico. Lembro que cheguei a comentar isso e vários clientes da bodega ficaram abismados. “Não te fia, esse véio é um conversador”, alertou dona Mirica, minha mãe.

A gente tem muita pressa quando é jovem. Notícias sobre máquinas e velocidade me interessavam. Carros de corrida e aviões deixavam-me fascinado. Pensava que era preciso ligeireza, encurtar o tempo. Por isso, embora carroceiro, entendia que os caminhões podiam fazer a diferença, dar agilidade ao transporte. Quando seu Aldo e o filho Ronaldo iam lá em casa levar sacos de arroz, feijão, farinha e açúcar, ficava olhando para a cabine, os botões e os ponteiros. Era a evolução, a revolução



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

A velocidade da vida



MOIZES VASCONCELOS / CP MEMÓRIA

das máquinas, tempo novo que surgia, deixando para trás a lerdade de um jeito de se trabalhar que nem poderia mais existir. E foi isso mesmo que aconteceu. Aquilo tudo passou. Findou-se o tempo dos tropeiros (Como de meu pai e do velho Neto), dos leiteiros de porta em porta, dos ranchos levados de carroça, das formas arcaicas de transportar coisas e pessoas. Foi um zuummm... e tudo sumiu.

Depois, ganhei o mundo, conheci cidades grandes, viajei de trem, de ônibus, de avião, de trem de alta velocidade em alguns países da Europa. Como jornalista, vivi a transformação da máquina de escrever em computador, a chegada da Internet, do celular, dos aplicativos, das redes sociais, enfim, dessa loucura incrível que se achou por bem chamar de pós-modernidade ou hipermodernidade. De tudo usei e usufruí. Porém, mais recentemente algo estranho começou a me ocorrer: passei a voltar no tempo e a gostar de fazer tudo como antes, a usar dicionários, andar a cavalo e de trem, beber água de cacimba, tomar café passado em coador de pano e a fazer churrasco com lenha. Seria uma volta às origens?

Não sei. Chega uma hora em que não há mais certezas de nada. Mas a pressa e a rapidez já não me interessam mais. Agora caminho olhando com atenção para as plantas que nascem entre as frestas do concreto, gosto de sentir meu corpo/ser, sua pequenez e a frágil vida que o carrega. Aprendi que desse modo posso escutar os silêncios que me habitam. Hoje, prezo as lentidões e as calmarias. E assim, como num remanso de sanga, fecho os olhos e sonho com o melodioso cantar dos galos nas longas madrugadas da Vila Rica...